

Independências: Movimentos pós-coloniais também transformaram a Europa

Casimiro Simões

LUSA

Coimbra, 00 maio 2025 (Lusa) – A historiadora Margarida Calafate Ribeiro salientou, à Lusa, "o quanto os movimentos pós-colonização" também transformaram a Europa, "o continente colonizador", do ponto de vista social, político e artístico.

Em entrevista à agência Lusa, a investigadora do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, autora do livro "Europa transfigurada", lançado este mês, salientou a importância de "construir uma democracia com memória".

"A memória é um elemento do presente", disse, ao enfatizar que "as culturas de periferia estão a ter uma importância enorme na cultura central" de vários países da Europa contemporânea, onde os movimentos populistas reagem, muitas vezes de forma violenta, a essa realidade.

"Vivemos hoje as metamorfoses desta história colonial e pós-colonial, transnacional e transcontinental, que tem ramificações nos mais variados setores da vida pública e privada das sociedades europeias e africanas", afirma no livro "Europa transfigurada", editado pela Afrontamento.

É neste contexto, exemplifica, que surge "o renovado interesse das novas gerações por figuras emblemáticas da luta anticolonial, pela releitura dos seus textos e pela reapropriação das suas práticas políticas e ideias alternativas de humanidade".

"A memória é uma realidade contemporânea", sublinhou à Lusa Margarida Calafate Ribeiro.

No livro, fala da "Europa que se construiu com impérios ultramarinos", durante séculos e até à descolonização, por parte de países como França, Bélgica, Reino Unido e Holanda, no século XX, a seguir à II Guerra Mundial.

Já Portugal só reconheceu a independência das colónias de África em 1975, na sequência da revolução do 25 de Abril de 1974, e mais tarde de Timor-Leste.

"Nas discussões contemporâneas sobre as heranças coloniais europeias, a história, a memória e a pós-memória têm vindo a adquirir uma maior relevância política, colocando sob suspeita o contrato historiográfico sob o qual vivíamos", salienta na obra.

Na primeira parte, subordinada ao tema "Fantasmas europeus", recorda que, "na sequência das descolonizações, primeiro na Ásia e depois em África, foram chegando à Europa grandes contingentes de população com vivência colonial, ora na forma de ex-colonizadores, ora na forma de ex-colonizados, ora na forma de ex-combatentes das guerras coloniais".

Esses grupos, que incluíam "retornados, 'pied-noirs', repatriados, africanos, magrebinos [e] asiáticos, corporizavam a realidade distante dos impérios perdidos, o que perturbava traumáticamente a musculada narrativa do Estado-nação europeu, tão implacável na produção de espaços socialmente homogéneos".

“Os movimentos que estas populações representavam, a história de que eram portadoras e as memórias que traziam denunciavam a relação organicamente imperial europeia, tornando visível a dimensão transnacional das identidades europeias e, conseqüentemente, das memórias que as constroem, assentes na dimensão transterritorial, sob a qual se construíram os impérios”, adianta.

A sua presença, segundo Margarida Calafate Ribeiro, “assinalava a transição da Europa como continente colonizador para uma Europa pós-colonial, dificilmente descolonizada das suas colónias e das imagens de ex-colonizador e de ex-colonizado, apesar das utopias de libertação que marcavam este momento histórico global”.

Também com Portugal, após a independência de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, bem como na sequência da invasão de Timor-Leste pela Indonésia, em 1975, houve “uma grande mobilidade de pessoas, tantos dos chamados retornados como de uma componente muito grande de africanos e ex-combatentes”, realçou a autora à Lusa.

“Importa sermos capazes de construir uma democracia com memória, num continente que dominou parte do mundo. Sermos capazes de olhar para o que está a acontecer e não para uma Europa que já não existe”, defendeu.

CSS

Lusa